

ISSN: 2176-5960

# PROMETEUS FILOSOFIA

ISSN: 2176-5960

maio - agosto de 2017

número 23

## ORTEGA Y GASSET E PAULO FREIRE, APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS NO CONCEITO DE LIDERANÇA SOCIAL

**José Maurício de Carvalho,**  
**Doutor em filosofia**  
**Instituto Presidente Tancredo de Almeida Neves (IPTAN)**  
**Mauro Sérgio de Carvalho Tomaz**  
**Mestrando em educação**  
**Kátia Veruska Meneghin Milagres**  
**Hospital da Polícia Militar de Minas Gerais**

**RESUMO:** Neste artigo estuda-se o significado que o filósofo espanhol José Ortega y Gasset dá ao conceito de minorias, ou de excelência moral, comparando o seu papel social com a proposta de liderança extraída da teoria da educação de Paulo Freire. Procura-se, no artigo, evidenciar as semelhanças entre essas ideias, embora não se possa comparar outros aspectos do raciovitalismo orteguiano com a pedagogia do oprimido. O filósofo espanhol assume um socialismo de excelência capaz de modificar a sociedade e enfrentar suas dificuldades presentes, que ele entende como uma crise de civilização. É uma atitude compatível com o que pretendiam os chamados socialistas utópicos e seu propósito de renovação da sociedade pela recusa de um comportamento padronizado e coletivo. Trata-se de um socialismo compatível com a democracia liberal e com o empenho pessoal, enquanto Paulo Freire aproxima-se do socialismo marxista e aponta para a formação de uma sociedade menos desigual no futuro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Política. Filosofia. Liderança. Minorias. Educação.

**ABSTRACT:** This article studies the meaning that the Spanish philosopher Jose Ortega y Gasset gives to the minority concept or the moral excellence, comparing its social role with the leadership concept proposed by Paulo Freire on his education theory. This article tries to prove the similarities between these concepts, even though other aspects cannot be compared to the orteguiano raciovitalismo with the *Pedagogy of the Oppressed*. The Spanish philosopher assumes an excellence socialism able to change the society and face its difficulties, which he understands as a civilization crisis. It is a compatible attitude with what the call edutopian socialist and its renovation purpose of the society by the refusal of a collective and standardized behavior. It is but a socialism compatible with the liberal democracy and the personal endeavor, while Paulo Freire approaches to the Marxist socialism and points to the formation of a less unequal society in the future.

**KEYWORDS:** Politics. Philosophy. Leadership. Minorities. Education.

## 1 Considerações iniciais

Neste artigo examinar-se-á o papel que o filósofo espanhol José Ortega y Gasset dá ao conceito de minorias, aproximando-o do que Paulo Freire pensa ser o papel das lideranças sociais. Procura-se indicar que há semelhanças entre esses itens, embora não se possa aproximar o conjunto das teses defendidas pelos dois autores: o primeiro mais próximo da democracia liberal, ainda que aberta a um socialismo de excelência e não dogmático ou de renovação pessoal e o segundo um educador socialista de viés marxista. A diferença mais visível, como dito em *Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset*, é que (2002, p. 448): "Ortega se posiciona contra a explicação marxista da formação do sistema de ideias que afirma serem elas produto de uma classe social".

Em comum entre os pensadores o interesse pela política como instrumento de transformação social e a compreensão de que uma formação educativa sólida era fundamental para a transformação da sociedade e enfrentamento de seus problemas. Ortega, contudo, distingue mais claramente que Paulo Freire o papel do intelectual na política. Parece caber-lhe uma análise dos problemas, o exame da situação, em contrapartida à ação social do político cuja marca é a ação, a força na atuação, a disposição para o enfrentamento dos problemas, conforme ele explica em *Mirabeau o el político* ao destacar como características do político (1994, p. 608):

sua inesgotável energia, a tensão constante de seu esforço, a fertilidade e monumentalidade de seus projetos, a rapidez, a eficácia com que os executam, a previsão genial dos acontecimentos, a inteireza e serenidade com que acolhem o perigo, o garbo triunfal de suas atitudes em todas as circunstâncias.

Ortega distingue o trabalho educativo e intelectual dos filósofos, que pensam o processo, do trabalho dos políticos, que são os atores dele, considerando que esses últimos têm uma energia, rapidez e entrega à ação que não é própria dos primeiros, voltados para a descoberta de princípios<sup>1</sup>. De comum, entre o intelectual e o político a necessidade de serem fieis a si mesmos, nisso consistindo a vocação fundamental da

<sup>1</sup> No livro *La idea de principio en Leibniz y la evolución de la teoría deductiva*, Ortega escreveu sobre a tarefa do filósofo como se segue (1994, p. 64): "A filosofia, que é o radicalismo ou extremismo intelectual, procura chegar pelo caminho mais curto a essa linha última onde os últimos princípios estão, e por isso não é só conhecimento destes princípios como dos demais, mas é formalmente viagem ao descobrimento dos princípios".

vida pessoal, porque não há nada mais heróico do que assumir ser si mesmo, conforme explica no capítulo inicial das *Meditaciones del Quijote*<sup>2</sup>. Cabe a todo homem dedicar-se à libertação daqueles aspectos da circunstância que subjagam a vocação e impedem novas e melhores atitudes. Finalmente, avalia Ortega, é perfeitamente legítimo ao filósofo examinar a realidade política.

Paulo Freire igualmente considera que o filósofo possa e deva examinar os fatos políticos, ainda que não seja necessariamente um agente da atuação política, como explica, de modo semelhante à Ortega, na *Pedagogia do Oprimido* ao relatar as críticas que poderia receber por não ser um militante político (2008, p. 213):

é possível que algumas destas críticas se façam pretendendo retirar de nós o direito de falar sobre a matéria (...) em torno de que nos falta uma experiência participante. Parece-nos, contudo, que o fato de não termos tido uma experiência no campo revolucionário não nos retira a possibilidade de uma reflexão sobre o tema.

O método desse trabalho é o analítico. Consiste em procedimento bastante utilizado nos trabalhos filosóficos. Ele serve para clarear aspectos implícitos nas obras, ou para comparar autores, como se faz aqui e aprofundar os problemas que abordam. Segundo ensina Nicola Abbagnano no seu *Dicionário de Filosofia* (1982, p. 49): “Na cultura moderna e contemporânea, a tendência analítica, isto é, a tendência a reconhecer a análise como processo de investigação, estendeu-se e manifestou-se fecunda” (p. 53). O que é mesmo fazer análise? É investigar as partes de um problema com a intenção de conhecer sua natureza, funções e relações, ou melhor, chegar à determinação dos elementos que se organizam em uma totalidade dada ou a construir.

A hipótese desse trabalho é que é possível aproximar o papel de liderança de Paulo Freire, do de minoria de Ortega y Gasset, principalmente pelo fato de ambos apostarem na transformação social decorrente da qualidade da intervenção dos agentes sociais. Nesse sentido, a educação representa a ação qualificada contra a ignorância, a nobreza contra a vulgaridade, a atuação dos que mais conhecem contra os que conhecem menos.

---

<sup>2</sup> Esse aspecto torna-se o elemento nuclear da reflexão que Ortega desenvolve sobre a vida pessoal. Ele o afirma em *Unas lecciones de metafísica* (1997, p. 33): "Ao percebermos e sentirmo-nos tomamos posse de nós mesmos e este achar-se sempre em posse de si mesmo, este assistir perpétuo e radical de quanto fazemos e somos, diferencia o viver de todo o mais".

## 2 Ortega y Gasset e o papel das lideranças na transformação social

No início de sua meditação, Ortega y Gasset está preocupado com a situação política de seu país, a Espanha. Sua reflexão vai influenciar os integrantes do que ficou conhecido como “geração de 1914”. Essa geração entendia que a nação padecia de uma crise de lideranças políticas porque o governo era considerado incapaz de sustentar a si mesmo. O objetivo inicial do movimento que ficou conhecido como Liga de Educação Política Espanhola, que tinha Ortega y Gasset como porta-voz e principal membro, era (id., p. 302): “fomentar a organização de uma minoria encarregada da educação política das massas”, desde que consideremos a concepção orteguiana de “minorias” e “massas” como meio de diferenciar a excelência no conhecimento da superficialidade.

Dessa maneira, na perspectiva orteguiana de organização da sociedade, a relação entre minorias e massas, encontrada no texto considerado como fundacional da *Liga, Vieja e nueva política* (1993, p. 302), concentra-se em “fomentar a organização de uma minoria encarregada da educação política das massas”. Na proposta orteguiana, os integrantes da *Liga* se dirigiam (id., p. 286) “aos novos homens privilegiados da injusta sociedade – aos médicos e engenheiros, professores e comerciantes, industriais e técnicos”. Aqui pode-se perceber a formação universitária dos componentes da *Liga de Educación Política Española*, o que pode ser confirmado na leitura do artigo *La generación política de 1914*, de Juan Samper. Percebe-se também a preocupação de Ortega em formar uma geração de universitários para enfrentar a crise de civilização e as dificuldades da Espanha<sup>3</sup>. Isso talvez explique os aspectos estruturais e o caráter reformista do ensaio *Misión de la Universidad* escrito alguns anos depois (1930) dos textos citados, mas para o enfrentamento da mesma questão

A identificação de uma forma decadente de organização estatal por Ortega e sua geração, compreende que essa triste e perigosa situação está menos associada à organização institucional do Estado, que da falta de empenho pessoal dos seus cidadãos. Daí o reconhecimento da importância e aproximação da *Liga* com o partido socialista e

---

<sup>3</sup> Como observa Margarida Amoedo em sua tese de doutoramento *José Ortega y Gasset, a aventura filosófica da educação* (2002, p. 70): “é fácil identificar que os problemas nacionais aí mencionados como preocupações da Liga são os mesmos que Ortega vinha diagnosticando, praticamente desde os seus primeiros artigos, apesar de agora a procura de soluções para eles ser apresentada como uma tarefa coletiva e irrecusável”.

o movimento sindical na construção dessa nova atitude política. Entretanto, não se pode ignorar que a contribuição do movimento socialista é limitada e os membros da *Liga* nele viam os elementos de transformação pessoal presentes nos chamados socialismos utópicos. A esse respeito, Ortega reconhecia somente uma atuação conjunta parcial, pois, o socialismo marxista se baseava em (ibid) “credos dogmáticos com todos os inconvenientes para a liberdade que tem uma religião doutrinal”. Essas crenças marxistas dificultaram a aproximação com os representantes do movimento. Juan Samper diz que a opção de afastamento dos socialistas se dá (2001, p. 185): “por considerá-los excessivamente dogmáticos”.

Ora, essa forma orteguiana de compreender a política, ao final das contas, contempla uma ação pedagógica na medida em que é um movimento conscientizador, portanto, libertador. Algo que ele já havia proposto em *La pedagogía social como programa político* (1910). O que o filósofo afirma nesse texto pode ser encontrado em escritos posteriores, principalmente dos que servem de base teórica a este trabalho, no caso, *Prospecto a la “Liga de Educación Política Española”* e *Vieja y nueva política*, ambos de 1914. Nesse sentido, enquanto para Paulo Freire “conscientização” opõe-se à “alienação” no sentido marxista, para Ortega y Gasset, “conscientização” opõe-se à incultura, trazendo uma forte conotação neokantiana de “consciência da consciência”, remanescente de sua formação em Marburgo<sup>4</sup>.

O papel das minorias como orientadoras do processo social, com caráter fundamentalmente ético, porquanto consolidado na ação excelente, foi detalhado por Ortega y Gasset na segunda parte de *España Invertebrada*, em especial no item 6, no qual o filósofo explica o problema decorrente da ausência dos melhores na sociedade espanhola. Diversamente, ele entendia, ocorria em outros países, como a Inglaterra e a França, cuja história ele diz (Ortega y Gasset, 1994, p. 110) ter sido “feita pelas minorias,

---

4 Aliás, segundo Taltavull, é em grande medida por essa influência que Ortega interpretará a circunstância de seu país através de “uma atitude que concebe a Espanha em oposição a um ideal ante a qual adaptá-la” (TALTAVULL, 2015, p. 141), o que o comentador chama de “patriotismo utópico” (Ibidem). Entretanto, essa perspectiva é abandonada por Ortega, por volta de 1913, quando acontece a superação do neokantismo e especialmente à partir da publicação das *Meditações do Quixote*, em 1914. Essa metodologia de reflexão leva o autor a abandonar a perspectiva utópico/revolucionária para encarar a política como experimentação da realidade. Sendo assim, Taltavull (Idem, p. 145) nos diz que, inicialmente, a proposta orteguiana era construir uma nação inexistente, mas, a partir de 1913, passa a ser reformá-la, principalmente valendo-se da noção de circunstância que ele desenvolve do perspectivismo fenomenológico. É o que podemos observar em *Meditaciones del Quijote*, quando diz Ortega que “havendo negado uma Espanha, nos encontramos no passo honroso de achar outra” (ORTEGA Y GASSET, 1997, p. 328).

e onde tudo que fez a massa, o fez por meio da condensação virtual do poder público, político ou eclesiástico". O caráter eminentemente moral das lideranças minoritárias foi retomado no livro *La rebelión de las masas*, em especial no capítulo VII, onde o filósofo explica a vida nobre como resultado do empenho pessoal (Ortega y Gasset, 1994, p. 182): "Isto é a vida como disciplina, a vida nobre. A nobreza se define por exigência, pelas obrigações, não pelos direitos". Como explicaram Carvalho e Tomaz em Ortega y Gasset: *universidade e ciência*, (2015, p. 5): "*La rebelión de las masas* e também *Misión de la Universidad* propiciam a compreensão mais clara da intenção de Ortega, (...), de enfrentar a crise de seu tempo com a reforma da universidade". O sentido de vida nobre como esforço ganha abordagem pedagógica justamente em *Misión de la Universidad*. Naquela obra o filósofo pretende oferecer uma formação ampla, que não se limita a um saber específico, mas que sem fugir dele oferece meios de compreensão geral do mundo, ser um ensino amplo como preparação cultural (1994, p. 321): "que salva do naufrágio vital, o que permite ao homem viver sem que sua vida seja tragédia sem sentido ou radical aviltamento"<sup>5</sup>.

No artigo *Universidade e Vida autêntica segundo Ortega y Gasset*, Carvalho explica que *La rebelión de las masas* e *Misión de la Universidad* são textos da última fase do pensamento orteguiano, conhecida hoje entre os especialistas como segunda navegação. Foi o tempo do desenvolvimento da teoria da razão vital, e que mostra (2014, p. 231) "a proximidade entre os assuntos revelando que o programa de reforma universitária tinha a pretensão de combater os males advindos da sociedade de massas". Embora como assinalou o próprio Carvalho, na *Revista de Estudios Orteguianos*, o filósofo espanhol com a razão vital desenvolveu um pensamento já iniciado anteriormente, não significando que exista um corte na segunda navegação. Na verdade, ela concentra a discussão da circunstância na vida cultural, procurando superar os problemas deixados pelo neokantismo alemão. Quanto ao sentido de continuidade temática entre as duas navegações eis o que ali foi dito (2014 b, p. 112): "O sentido de continuidade dos estudos foi o que pretendemos demonstrar aqui comparando as teses

---

<sup>5</sup> Como explica Margarida Amoedo em *José Ortega y Gasset, a aventura filosófica da educação* (2002, p. 231): "Salvar a circunstância, procurar o seu sentido transforma-se na tarefa prioritária de que depende a realização do destino concreto do homem".

centrais de *El Espectador* com os escritos dos anos quarenta em diante, e considerados (...) como uma espécie de segunda navegação sobre o assunto".

As características do homem-massa, ou inculto, descritas por Ortega em *La rebelión de las masas* foram detalhadamente comentadas no capítulo *Totalitarismo e ética em Ortega y Gasset*, publicado no livro *Poder e Moralidade*<sup>6</sup>. Depois de explicar o que caracteriza o homem-massa como sendo o bárbaro especialista, o senhorio satisfeito e a criança mimada, Carvalho e Bessa afirmam (2012, p. 122):

Ortega y Gasset chega a algumas conclusões a partir de suas análises. Entende primeiramente que o homem-massa não tem comprometimento moral de se tornar melhor, nem pretende fazer progredir a sociedade. Não espera viver segundo uma escola ética que construiu, diversa das anteriores, deseja viver sem se submeter a moral alguma já que não se esforça para criar nenhuma.

### **3 Paulo Freire e o papel da liderança: inexperiência democrática, conscientização e libertação.**

Encontra-se na *Pedagogia do Oprimido* uma preocupação parecida com a formação de uma liderança<sup>7</sup> ou minoria capaz de modificar a sociedade com o propósito do enfrentamento ético das dificuldades, o que se parece com o que desejava Ortega y Gasset. Entretanto, nos parece, o fundamento da preocupação é marxista, o que pode ser observado principalmente no primeiro capítulo de *Educação e atualidade brasileira* e no quarto capítulo de *Pedagogia do Oprimido*. Isso significa que para Freire, a maioria dos conceitos utilizados tem significação diferente da que utiliza Ortega, a começar pelo termo minoria ou elite, que, para o brasileiro, significa “elite econômica”.

Contudo, se deixarmos esse aspecto entre parênteses, podemos notar pontos de aproximação no modo como pensam os dois autores a atuação dessa “minoria” dirigente

---

<sup>6</sup> Quanto ao abandono da liderança social pela minoria, o assunto encontra-se detalhado em *O século XX em El Espectador de Ortega y Gasset: a crise como desvio moral*, artigo publicado na Revista Argumentos, n. 2 (2010, p. 15): "O que ele observa é que no século XX, as minorias não assumiam a tarefa de dirigir a sociedade, não respondiam aos novos desafios que a vida apresentava, cultivavam um saber muito especializado e ignoravam quase tudo de outros assuntos".

<sup>7</sup> Segundo Sérgio Pedro Herbert (2015, p. 311), em seu vocábulo *Liderança* no *Dicionário Paulo Freire*, “a liderança se expressa em adesão a uma determinada causa com o testemunho valente de amar ao povo e de sacrificar-se por com o grupo. A liderança em Freire corresponde a uma dimensão processual de aquisição de conhecimentos para contribuir à transformação da realidade, enfatizando a importância do ato educativo como produto de lideranças”.

na sociedade para o enfrentamento dos problemas. Na *Pedagogia do Oprimido*, lemos que (2008, p. 181): “(...) a formação técnico-científica não é antagônica à formação humanista dos homens, desde que ciência e tecnologia, na sociedade revolucionária, estejam a serviço de sua libertação permanente, de sua humanização”.

A preocupação em construir uma nova sociedade de inspiração socialista está presente também em Ortega, pois a proposta da *Liga* pressupõe a mudança social modificando as pessoas<sup>8</sup>. A proposta de Freire igualmente pretende a transformação da sociedade e não se distancia do modo propugnado pela *Liga* que tem caráter socialista, embora não-marxista, mas sem perder o sentido libertário representado pela autonomia do sujeito e sua humanização presente nos textos de socialistas utópicos como Saint-Simon. Quando se foca no esforço de transformação do homem para o enfrentamento dos seus problemas vitais, pode-se aproximar o propósito de Paulo Freire do que defende Ortega y Gasset em *Misión de la Universidad* (1930)<sup>9</sup>.

Por diversas vezes, lemos na *Pedagogia do Oprimido* que Freire admite a existência de uma “liderança revolucionária”<sup>10</sup>. A partir das menções a este termo, podemos extrair alguma semelhança com a ideia orteguiana de minoria. Paulo Freire reconhece que os verdadeiros líderes (2008, p. 162): “estão em correspondência com a forma de ser e de pensar a realidade de seus companheiros, mesmo que revelando *habilidades especiais* que lhes dão o *status* de líderes” (grifos nossos).

Ora, na *Pedagogia da esperança*, Freire relata que, durante uma visita a um assentamento da reforma agrária no Chile, conversando com integrantes do “círculo de cultura”, fez-se silêncio precedido do comentário de um dos integrantes que disse (2006,

---

8 O entendimento de que a reforma social somente viria com o empenho pessoal dos indivíduos é um aspecto que se renova em diversos textos orteguianos, conforme se explica no capítulo 10 de *Ortega y Gasset e o nosso tempo* (2016, p. 380). "Um aspecto fundamental da meditação orteguiana foi a crescente valorização do empenho pessoal e do esforço na realização da vida plena. Assim, se um sistema liberal e democrático é preferível a qualquer ditadura, somente na medida em que o homem entrega-se com esforço ao que pretende realizar, consegue desenvolver plenamente sua humanidade".

9 No artigo *El papel de la Universidad contra la barbárie*, Margarida Amoedo, num exemplar da *Revista de Estudios Ortegaianos* quase todo dedicado ao estudo de *Rebelião das Massas* e a *Missão da Universidade* explica que (2001, p. 113): "Em *Misión de la Universidad*, Ortega defende que se retome o sentido original da instituição universitária para colocar esta a altura dos desafios contemporâneos". Esse desafio era vencer a crise de cultura ou a circunstância, descrita em *La rebelión de las masas* que além das conotações políticas significava (id., p. 112) "um modo deficiente de ser humano que é independente do grupo social ou profissional ao qual pertença e de sua aparição em uma multidão".

<sup>10</sup> Cf. HERBERT, Sérgio Pedro. 2015, p. 312.

p. 46): “o senhor é que podia falar porque o senhor é o que sabe. Nós não”. A isso respondeu Freire (ibid):

“Muito bem”, disse em resposta à intervenção do camponês. “Aceito que eu sei e vocês não sabem. De qualquer forma, gostaria de lhes propor um jogo que, para funcionar bem, exige de nós absoluta lealdade. Vou dividir o quadro-negro em dois pedaços, em que irei registrando, do meu lado e do lado de vocês os gols que faremos eu, em vocês; vocês, em mim. O jogo consiste em cada um perguntar algo ao outro. Se o perguntado não sabe responder, é gol do perguntador (...)”.

Então o autor propõe dez perguntas aos camponeses (o que é a maiêutica socrática? Qual a importância de Hegel no pensamento de Marx?) e ouve dez questões formulada pelos trabalhadores (o que é curva de nível? Para que serve a calagem do solo?). Conclui assim Freire (2006, p. 9): “Fizemos um jogo sobre saberes e empatamos dez a dez. Eu sabia dez coisas que vocês não sabiam e vocês sabiam dez coisas que eu não sabia”. O que o pedagogo pretendia mostrar com essas perguntas e respostas era que os papéis não são fixos: que o educador, por ser educador, não deixa de ser educando; nem que o educando, por ser educando, não possa ser educador. É o que afirma também Sérgio Pedro Herbert (2015, p. 312), ao dizer que, para Freire, não há liderança sem uma relação de reciprocidade na construção dos conhecimentos”.

Contudo, se analisarmos esse episódio com o olhar orteguiano, poderíamos concluir que não fez Paulo Freire outra coisa que exemplificar aos camponeses os conceitos de massa e minoria. Massa é Freire quando tem de falar sobre curva de nível e os camponeses quando tem de se pronunciar sobre a maiêutica socrática; minoria são ambos quando abordam assuntos que dominam. Entende Ortega que os conceitos de massa e minoria variam conforme o assunto. Alguém pode ser minoria em um assunto e massa em outros. Naquele momento de dinâmica exemplificação da sociologia orteguiana, percebe-se a essência de uma sociedade “vertebrada”, solidamente sustentada: a minoria exemplar que se reconhece minoria; a massa dócil, que se reconhece como tal. A massa reconhece que a elite detém, naquele conteúdo, um conhecimento que ela não dispõe e que esse conhecimento é importante para o funcionamento da sociedade. No visar orteguiano, o desastre não é existir minorias (elites) e massas (maiorias), é elas não viverem seus papéis. Ao comentar o papel das minorias na vida social comenta José Carlos Rothen no capítulo que escreveu para *A*

*universidade iluminista*, algo nesse mesmo sentido ao associar as massas à incultura (2011, p. 67): "o governo das massas seria a causa dos grandes desastres sociais, pois elas não participam da cultura".

Do mesmo modo, num relato das *Cartas à Guiné-Bissau*, Freire nos diz que, ao chegar ao país e antes de começar sua atuação junto ao povo, fez contato (1978, p. 15): "inicialmente, com as diferentes equipes do Comissário de Educação". Ora, se não há o privilégio de uma minoria, no sentido de uma liderança que ocupa esse lugar por qualificar-se de algum modo especial, porque não se dirigir diretamente ao povo? A ideia de "condutores" em Ortega (*Vieja y nueva política*), se assemelha a de "coordenadores" (*Pedagogia do Oprimido*) – de liderança revolucionária - dos círculos de cultura de Freire.

Outra semelhança pode ser encontrada na proposta da Liga de Educação Política Espanhola, que divide sua atuação em duas fases, ora destacando o papel das minorias, ora do que se espera da maioria, o que é resumido na seguinte citação de *Vieja y nueva política* (1993, p. 269):

a política é tanto como obra de pensamento como obra de vontade; não basta com que suas ideias passem galopando por umas cabeças; é mister que socialmente se realizem, e para que se ponham realmente a seu serviço as energias mais decididas de amplos grupos sociais.

Percebe-se que há uma soma de organização (vontade) e extensão da ação política (amplos grupos sociais), conforme diz Samper (2001, p. 192): "duas ideias que serão chaves para o grupo que pretende formar a sociedade para a participação diária na vida pública". Para Taltavull, essa dualidade de atuação política da *Liga* apresenta-se como (2015, p. 140): "a organização da intelectualidade e a constituição do povo espanhol em nação a partir de sua ação pedagógica". Portanto, a primeira se concentraria em preparar as minorias dirigentes – o que é também e, principalmente, a tarefa da instituição universitária. Para esse fim, Ortega irá se filiar, logo após a fundação da *Liga*, à *Junta Nacional del Partido Reformista*, que também tinha a preocupação de ser um "partido da intelectualidade".

Mas isso não basta e é justamente na segunda fase, a partir da formação especial dedicada às minorias para que possam atuar exemplarmente diante da massa dócil – converter homens em cidadãos - que podemos identificar as maiores semelhanças entre as formas de encarar a atuação política e seu objetivo presentes na filosofia orteguiana e

na pedagogia de Paulo Freire, já que partimos do pressuposto de que, para ambos, conforme comenta Taltavull (2015, p. 149): “política e educação são (...) duas faces de uma mesma moeda: a nação cívica”.

O fato de as minorias se organizarem para atuar junto às massas parte do princípio de que é um dever de todos intervir na política de maneira vigorosa e consciente (1993, p. 300). Essa tarefa da *Liga* é explicitada por Ortega y Gasset na conferência *Vieja y nueva política*. Ali, ele nos diz que, longe de ser um movimento cuja preocupação programática se importa apenas com o alcance do poder pelo próprio partido, a *Liga* teria a tarefa de infundir, afirma (1993, p. 285): “breves e simples ideais políticos, capazes de acender na chama da fé viva os corações de todo um povo”, já que se entende que (id., p. 292):

uma nação não se faz somente com um verso, com um raciocínio ou com um parágrafo que ocorre a um orador; é um trabalho de todos os dias, de todos os instantes; trabalho sobre o qual há que estender como um calor, como um amor que faça frutificar a seu tempo a semente e a acompanhe em sua expansão.

Dessa maneira, o que o movimento dos intelectuais espanhóis objetivava não era outra coisa que (id., p. 302): “introduzir a atuação política nos hábitos das massas”, partindo da preparação das minorias que, como vimos, seriam responsáveis por intervir nelas, por conscientizá-las e fazê-las assumir a criticidade de si e de seu lugar na sociedade, já que o movimento entendia que (ibid): “enquanto o operário na urbe, o lavrador no campo, a classe média no povoado e nas capitais não tenham aprendido a impor a vontade áspera de seus próprios desejos, por um lado; e a desejar um porvir claro, concreto e sério, por outro” não seria possível esperar que qualquer mudança política viesse a ocorrer.

Este desafio guarda alguma semelhança como o que diz Freire na *Pedagogia do Oprimido* (2008, p. 100): “o que temos de fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível de ação”. E completa (ibidem): “será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo que poderemos organizar o conteúdo programático da educação ou da ação política”. É o que também reconhece Herbert (2015, p. 313), ao dizer que “a liderança em Freire

aprece com sua criticidade indagadora. Como característica dessa condição de liderança se encontra a postura frente à realidade dirigida à transformação por meio do conhecimento da realidade”. O que, conforme percebemos, é o exatamente a mesma preocupação da *Liga*.

Assim como, para o primeiro intento, Ortega filiou-se à *Junta Nacional del Partido Reformista*, para atingir a “segunda parte” de seu projeto político, a nacionalização através do que ele chamava de “pedagogia social”, realizou uma parceria com o semanário *España*, que visava discutir os mais diversos assuntos relativos ao país, de Economia à Filosofia, apresentando fatos e dados dos acontecimentos nacionais da época, a fim de levar os espanhóis à discussão política, como afirma Taltavull (2015, p. 152): “por meio da organização em cada povo de um ‘núcleo de colaboração’, com o único intuito de que as elites (id., p. 153): “deviam entusiasmar o povo para constituir-se junto em nação” . O que se observa no texto desse comentador é o caráter cívico e não étnico da ideia que Ortega y Gasset faz de “nação”.

Essa forma de atuação está em sintonia com a frase mais famosa da filosofia orteguiana apresentada primeiramente nas *Meditaciones del Quijote* e que resume o principal de sua ontologia da vida (1997, p. 322): “eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo, não me salvo eu”. Ora, não pode salvar-se da circunstância quem não a conhece. Ainda que o conceito, para Ortega, se refira às circunstâncias em que me encontro individualmente – como um hábito ruim, por exemplo -, elas também se aplicam ao coletivo, ao social, de modo que a atuação da *Liga* visa algo como “esclarecer” o povo espanhol a circunstância política prejudicial à Espanha. Isso é importante, pois, como foi dito, Ortega está convencido de que (id., p. 319): “o homem rende o máximo de sua capacidade quando adquire a plena consciência de suas circunstâncias. Por elas comunica-se com o universo”.

Do mesmo modo e pelo mesmo motivo, podemos perceber a preocupação de Paulo Freire, antes de mais nada, em desvelar a situação em que se encontram os oprimidos, em fazê-los “ler o mundo”, em compreender sua situação humana em um contexto mais amplo que sua experiência imediata para aprender a se posicionar nela. É o que encontramos já em sua primeira obra *Educação e atualidade brasileira*, especificamente no primeiro capítulo, no qual Freire menciona sua teoria da

transitividade da consciência. A transição de uma consciência ingênua para a crítica funciona justamente como a compreensão que homem passa a tomar de si e de seu lugar no mundo. É justamente a consciência crítica que permite ao homem engajar-se na luta por uma sociedade mais justa, pois percebe-se um construtor de cultura, um elemento importante da sociedade.

#### 4 Outras aproximações possíveis

No que foi dito até agora, podemos entender como Ortega entende a estruturação da sociedade (minorias e massas) e também a proposta de Paulo Freire de construir dialogicamente o conteúdo programático, o que, apontamos, está de acordo com a atuação da Liga de Educação Política Espanhola. Sendo assim, notamos que é justamente a criação de uma proposta política para enfrentar a crise que impede a nação de viver, pois tolhe toda perspectiva de futuro, que Ortega vai chamar de *Nueva política* e que o educador brasileiro chamará de *Pedagogia do Oprimido*. Embora como propostas fossem diferentes, entendemos que pretendem enfrentar uma dificuldade que tem origem na falta de competência para enfrentar os problemas que a vida traz<sup>11</sup>.

Também o modo de atuação política dos dois pensadores se assemelha. O prospecto da *Liga de Educación Política Española*, apresenta a perspectiva de atuação da minoria dirigente no seio das massas - sem nos esquecermos que Ortega está se referindo à Espanha de sua época (1914) – através de uma série de ações que tem de ser feita junto ao povo (ORTEGA Y GASSET, 1993, p. 285, vieja). Seu objetivo é atuar nas comunidades levando a elas o conhecimento da crise política enfrentada pelo país através de “círculos de mútua educação; centros de observação e de protesto” (Ibidem), a fim de esclarecer-lhes a circunstância para que possam viver à altura de seu tempo.

Em *Vieja y nueva política* encontramos uma explicação mais detalhada dessa metodologia (1993, p. 276):

nós iremos aos povoados e às aldeias, não só pedir votos para obter atas de legisladores e poder de governantes, senão que nossas propagandas serão por sua vez criadoras de órgãos de sociabilidade, de cultura, de técnica, de

<sup>11</sup> No artigo *A vida como realidade metafísica*, publicado na revista *Trans/form/ação*, pode-se notar que a vida é para Ortega não somente o grande problema a ser enfrentado, mas a raiz dos desafios que o homem tem que enfrentar (p. 179): "A definição da vida como um que fazer da circunstância considera viver atividade contínua. A vida é tarefa permanente. Fazê-la está nas mãos de cada sujeito".

mutualismo, de vida, enfim, humana em todos os seus sentidos: de energia pública que se levante sem gestos precários frente à tendência fatal em todo Estado de assumir em si a vida inteira de uma sociedade.

Proposta parecida pode ser encontrada no livro *Pedagogia do Oprimido*, principalmente no capítulo três, onde Freire apresenta o que ele entende como o comportamento do investigador junto ao investigado, até aos canais de decodificação - visual, tátil ou auditivo - que podem ser utilizados, o que mais tarde vai se tornar o que ele chama de “círculos de cultura” que, poderíamos dizer, são nada mais que círculos de mútua educação. Eis a metodologia, que parece guardar semelhança com a da *Liga*, que encontramos na *Pedagogia do Oprimido* (2008, p. 122):

(...) que os investigadores, em sua fase, surpreendam a área em momentos distintos. É preciso que a visitem em horas de trabalho no campo; que assistam a reuniões de alguma associação popular, observando o procedimento de seus participantes, a linguagem usada, as relações entre diretorias e sócios; o papel que desempenham as mulheres, os jovens. É indispensável que a visitem em horas de lazer; que presenciem seus habitantes em atividades esportivas; que conversem com pessoas em suas casas (...).

Podemos perceber ainda que a forma de atuação em que se baseia a *Liga* se enquadra naquilo que Freire entende como sendo o objetivo fundamental de uma pedagogia do oprimido, que é “lutar com o povo pela recuperação da humanidade roubada” (id., p. 98), pois “quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual elas devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se ‘inserem’ nela criticamente” (id., p. 44)<sup>12</sup>, noção desenvolvida junto aos Movimentos de Cultura Popular no Recife de Miguel Arraes (1960). Uma preocupação próxima Samper reconhece na atuação da *Liga* ao dizer que seu objetivo era fazer (2001, p. 182): “ver a realidade tal e como é para saber o que se quer de maneira que não se condenem à esterilidade histórica”.

Dessa forma, o educador chama atenção (2008, p. 44) para o fato de que “a questão não está propriamente em explicar às massas, mas em dialogar com elas sobre a

---

<sup>12</sup> Como explica Afonso Celso Scocuglia no artigo *A progressão do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire*, (2001, p. 331) “alguns fatores importantes para a consecução de uma ‘pedagogia dos oprimidos’, segundo Freire, centram-se na ação exercida pelas lideranças (especialmente, pelos educadores) e na ‘adesão’ dessas lideranças a um projeto popular emancipatório. ‘Sem imposições ou doações’. Ou seja, sem que essas lideranças considerem-se ‘donos do saber’ a ser imposto aos oprimidos, o quê sempre se constituiu uma das tênues separações entre uma pedagogia populista e uma pedagogia popular”.

sua ação”<sup>13</sup>. O que é, justamente, a preocupação de Ortega e da Liga de Educação Política Espanhola, pois, ao apresentar ao povo, através das minorias, determinadas soluções aos problemas nacionais, não a faz impositivamente, nem mesmo de uma forma “tradicional” (ou bancária, para falar como Paulo Freire). Com o que foi dito acima, percebemos que Ortega e a *Liga* não estão defendendo a necessidade de uma escola, mas fazendo com que os camponeses discutam entre si os problemas de seu país, que se eduquem mutuamente. Nos textos consultados, é perceptível a preocupação do movimento espanhol em desenvolver a autonomia da massa, conscientizando-a de sua realidade, ou seja, como massa, e, além disso, como vimos acima, através do diálogo com ela<sup>14</sup>.

Na *Pedagogia do Oprimido* também está presente essa preocupação, pois a todo tempo Paulo Freire apresenta a necessidade de fazer com que os “despolitizados” reflitam sobre a própria realidade, sobre a própria circunstância, pois (2008, p. 127) “ao terem a percepção de como antes percebiam, percebem diferentemente a realidade, e, ampliando o horizonte do perceber, mais facilmente vão surpreendendo, na sua ‘visão de fundo’, as relações dialéticas entre uma dimensão e outra da realidade”.

Quanto à proposta da Liga de criar um “órgão de estudo do fato nacional” nos campos e aldeias, já conta com a influência fenomenológica que Ortega y Gasset recebe por volta de 1912/1913, o que leva Taltavull a afirmar que “a fenomenologia da nação significa assim estudar a Espanha para conhecer sua situação real e partir daí para construir a nação cívica” (TALTAVULL, 2015, p. 146). Ora, isso se assemelha ao que Paulo Freire denomina, no quarto capítulo da *Pedagogia do Oprimido*, de “formas focalistas de ação”. Ali podemos ler que (2008, p. 161):

quanto mais se pulverize a totalidade de uma área em “comunidades locais”, nos trabalhos de “desenvolvimento de comunidade”, sem que estas comunidades sejam estudadas como totalidades em si, que são parcialidades de outra totalidade (área, região [*sic*] etc.) que, por sua vez, é parcialidade de

---

**13 Segundo Scocuglia (2001, p. 330), “ao mesmo tempo, Freire advoga a necessidade de uma liderança democrática, não-prescritiva, discordando da ‘explicação às massas’. Insiste na opção dialógica da relação liderança-oprimido e enfatiza a pedagogicidade da conduta de quem lidera/educa (ou deseduca). Sem intransigir, exige a educação política do próprio líder/educador”.**

<sup>14</sup> A preocupação do movimento espanhol em desenvolver a autonomia da massa, facilitando a relação com as minorias foi tema do artigo *La rebelión de las masas: pronóstico de una realidad desafiante*, de Guillermina Alonso Dacal (2001, p. 274): “A interdependência entre as massas e as minorias da sociedade é um fato natural que se produz espontaneamente. Massas e minorias uma estrutura dialética e dinâmica na sociedade”.

uma totalidade maior (o país, como parcialidade de uma totalidade continental), tanto mais se intensifica a alienação.

Esse método de conscientização, na perspectiva freireana, faz com que seja (ib., p. 113):

lícito esperar que os indivíduos passem a comportar-se em face de sua realidade objetiva da mesma forma, do que resulta que deixe de ser ela um beco sem saída para ser o que em verdade é: um desafio ao qual os homens têm que responder.

## 5 Considerações finais

Procuramos mostrar nesse trabalho as possíveis semelhanças existentes entre o conceito de minoria ou elite do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, com a noção de uma liderança social que pode ser inferida das obras de Paulo Freire. Cuidamos ainda de apontar os pontos de contato entre ambos reconhecidos como renovadores da cultura<sup>15</sup> sem deixar de salientar as diferenças entre os dois pensadores, o espanhol preconizando um liberalismo de caráter social, estruturado sobre um socialismo de competência, e o brasileiro defensor de uma teoria política que se inclina ao marxismo, principalmente com aquilo que se denomina “marxismo radical”. Essa aproximação se dá pela preservação da ideia de excelência e educação como eixo de mudança social que estão presentes em ambos os autores e que chega ao marxismo como chega ao liberalismo social, pelos socialistas utópicos<sup>16</sup>.

---

15 No caso de Ortega seu papel destacado como renovador da cultura e como educador da Espanha foi amplamente reconhecido por diversos comentadores entre os quais Rockwell Gray que o afirmou no livro intitulado *José Ortega y Gasset, el imperativo de la modernidad* (p. 40): "A voz de Ortega foi preeminente no esforço de renovação nacional a partir da crise de 1898 até o início da segunda República em 1931".

16 O sentido de renovação social dos socialistas utópicos e o modo como influenciam e foram percebidos pelos marxistas leia-se o livro de Martin Buber *O socialismo utópico* (2007, p. 196): "Com Saint-Simon e Hegel, estamos no limiar do conhecimento científico sociológico. No entanto, a sociedade que é conhecida tornou-se outra: é a sociedade das modernas lutas de classe. Os dois homens, que nesta hora, cada qual a seu modo se propuseram a criar uma síntese de Hegel e do Saint-simonismo, ou seja, Lorentz von Stein, o fundador da sociologia científica, e Marx, o autor do socialismo científico, desenvolveram uma reflexão tão fundamentalmente a partir da nova situação, que no ponto de relação entre o princípio político e social não puderam assumir a herança nem de Hegel, nem de Saint Simon". Apesar da crítica bastante conhecida que Marx e Engels fazem aos chamados reformistas, esclarece Buber (p. 107): "Aqui vemos com toda clareza o que é que une Marx ao socialismo utópico, a vontade de substituir o princípio político pelo social e o que o separa dele, seu ponto de vista, segundo o qual essa substituição só pode efetuar-se através dos meios políticos (...)".

O eixo da ontologia orteguiana, presente nas *Meditaciones del Quijote* propõe a superação daquilo que na circunstância impede a pessoa de viver autenticamente<sup>17</sup>. Embora o enfrentamento da circunstância se refira também a aspectos íntimos da personalidade passa a olhar, na segunda navegação, o espaço social e o político como lugares que impedem o indivíduo de realizar-se e de viver autenticamente sua vida singular<sup>18</sup>. Nesse sentido, vencer a circunstância é vencer a realidade política e social no quanto ela dificulta o futuro do indivíduo e da sociedade. O desafio passa a ser construir uma sociedade melhor<sup>19</sup>. Procuramos demonstrar que igualmente Paulo Freire considera que o filósofo e educador devam examinar os fatos políticos, mesmo que não estejam na condução do processo, para modificá-lo para melhor. Além disso, assim como para Ortega, a proposta política de Freire visa a construção de uma vida individual e de um ambiente social livres e saudáveis.

Acreditamos haver deixado suficiente demonstrado que o trabalho da liderança social concebida por Paulo Freire tem semelhanças com a função exercida pela minoria de Ortega y Gasset, principalmente pelo fato de que ambos apostam na transformação social decorrente da qualidade da intervenção dos agentes sociais.

---

17 Armando Savigano, no capítulo que escreveu no livro *Meditaciones sobre Ortega y Gasset*, trata desse assunto e mostra o sentido dado por Ortega a viver em circunstância (2005, p. 235): "Desde 1914 - esclarece sua autobiografia - Ortega afirmou que o que existe verdadeiramente não é a consciência - e com ela as ideias das coisas - mas o homem existente em um contexto de coisas, em uma circunstância também existente".

18 O sentido de vida autêntica foi estudado em *Razão vital e histórica em Ortega y Gasset* por Claudino Piletti. Para o comentador autenticidade orteguiana vem com a fidelidade ao núcleo íntimo particularíssimo do homem e depende do crescimento pessoal e do esforço para a excelência que nos faz melhores e diferentes em algumas coisas. Esse é (p. 29) "um privilégio ontológico de poder aceder a seu verdadeiro ser. O mesmo não acontece com o tigre. O tigre de hoje não é mais nem menos que o tigre de ontem ou de há mil anos".

19 Maria Cristina Pascerini destaca no artigo *Reflexiones sobre la crisis de la vida colectiva en la rebelión de las masas. Una visión dantesca de la sociedad?* que Ortega acredita numa sociedade melhor que resulta da educação e da superação da superficialidade do homem massa. Ela diz (2001, p. 272): "Ortega acredita sinceramente em uma sociedade melhor, não dominada pela superficialidade do homem-massa, não se trata de um otimismo superficial e incondicional, mas que é alimentado pela confiança no homem e sobretudo em sua capacidade de realizar projetos benéficos para a coletividade."

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed., São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- AMOEDO, Margarida Isaura Almeida. El papel de la Universidad contra la barbárie. In: *Revista de Estudios Ortegaianos*. Madrid, Fundación Ortega y Gasset, n. 2, 2001.
- \_\_\_\_\_. *José Ortega y Gasset, a aventura filosófica da educação*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2002.
- BUBER, Martin. *O socialismo utópico*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CARVALHO, José Mauricio de. *Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002.
- \_\_\_\_\_. O século XX em El Espectador de Ortega y Gasset: a crise como desvio moral. IN: *Argumentos*, 2 (4) 9-18, 2010.
- CARVALHO, José Mauricio de e BESSA, Vanessa da Costa. Totalitarismo e ética em Ortega y Gasset. IN: CARVALHO, José Mauricio de (org.) *Poder e Moralidade*. São Paulo, Annablume; São João del-Rei, UFSJ, 2012.
- \_\_\_\_\_. Universidade e vida autêntica segundo Ortega y Gasset. IN: *Argumentos*, ano 6, n. 11, Jan./Jun., 2014.
- \_\_\_\_\_. El problema del conocimiento en El Espectador de Ortega y Gasset. Madrid, IN: *Revista de Estudios Ortegaianos*, n. 29, 2014b.
- \_\_\_\_\_. Ortega y Gasset, a vida como realidade metafísica. IN: *Trans/form/ação*, v. 38, n. 1, 167-186, Jan./Abr., 2015.
- \_\_\_\_\_. *Ortega y Gasset e o nosso tempo*. São Paulo: Filoczar, 2016.
- CARVALHO, José Mauricio de; TOMAZ, Mauro Sérgio de Carvalho. Ortega y Gasset, universidade e Ciência. IN: *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis, UFSC, v. 49, n.2, 4-19, jul/dez. 2015.
- DACAL, Guillermina Alonso. *La rebelión de las masas: pronóstico de una realidad desafiante*. IN: *Revista de Estudios Ortegaianos*. Madrid, Fundación Ortega y Gasset, n. 2, 273-279, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. *Educação e atualidade brasileira*. 3 ed. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2003.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 245 p.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 47ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 213 p.

GRAY, Rockweel. *José Ortega y Gasset, el imperativo de la modernidad*. Madrid: Espasa Calpe, 1994.

HERBERT, Sérgio Pedro. *Liderazgo*. In: STRECK, D. (Coord.). REDIN, E. ZITKOSKI, J. (Orgs). *Diccionario Paulo Freire*. Lima: CEAAL, 2015, p. 311 – 313.

ORTEGA Y GASSET, José. *Obras Completas*. Madrid: Alianza, 1994.

PASCERINI, Maria Cristina. Reflexiones sobre la crisis de la vida colectiva en la rebelión de las masas. Una visión dantesca de la sociedad? IN: *Revista de Estudios Orteguianos*, n. 2, 2001.

PILETTI, Claudino. *A razão vital e histórica em Ortega y Gasset*. Porto Alegre: Globo, 1968.

ROTHEN, José Carlos. A universidade e sua missão em Ortega y Gasset. In: ARAÚJO, José Carlos Souza. *A universidade iluminista*. v. 2, Brasília, Liberlivro, 2011.

SAMPER, J. E. P. *La generación política de 1914. Estudios Políticos*. Madri: CEPC, n. 111, p. 179 – 197, 2001.

SAVIGNANO, Armando. El proyecto filosófico de Ortega: el epílogo de la Filosofía. In: ALONSO, Fernando e SÃENS, Alfonso Castro. *Meditaciones sobre Ortega y Gasset*. Madrid, Fundación Ortega y Gasset, 2005.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. A progressão do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire. In: TORRES, Carlos Alberto (org.) *Paulo Freire y la agenda de la educación latinoamericana en el siglo XXI*. Buenos Aires: CLASCO, 2001, p. 323 – 348.

TALTAVULL, Juan Bagur. La liga de educación política española como instrumento de nación: desde la autonomía hasta la reconversión y el fracasso (1913 – 1916). IN: *Tales*. Madri: UCM, n. 5, p. 139 – 156, 2015.